



Psicologia Clínica

ISSN: 0103-5665

psirevista@puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Janeiro

Brasil

Ribeiro de Moraes Santeiro, Fabíola; Vilela Santeiro, Tales
Teorias e técnicas de atendimento em consultório de psicologia
Psicologia Clínica, vol. 25, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 215-218
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio De Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291028027014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

TEORIAS E TÉCNICAS DE ATENDIMENTO EM CONSULTÓRIO DE PSICOLOGIA

*Treatment theories and techniques
in psychological practice*

*Fabíola Ribeiro de Moraes Santeiro**

*Tales Vilela Santeiro***

Resenha do livro: Carpigiani, B. (org.) (2011). *Teorias e técnicas de atendimento em consultório de psicologia*. São Paulo: Votor. 286p.

O aprendizado sobre teorias e técnicas psicoterapêuticas constitui parte fundamental do processo formativo nos cursos de graduação no país, local onde as práticas psicoterápicas e clínicas de modo geral desfrutam de razoável opção feita por psicólogos. Por mais que a psicoterapia – a atividade usualmente mais reconhecida e associada à figura do psicólogo clínico – ainda seja questionada nos modelos teóricos e epistemológicos em vigor na formação brasileira, o fato é que ela permanece praticada, mesmo por profissionais da psicologia situados em territórios profissionais diversos do “clínico” (Bastos & Gondim, 2010). O livro resenhado tem como público alvo estudantes, estagiários e jovens terapeutas; contudo, psicoterapeutas situados em outros momentos profissionais serão beneficiados com sua leitura.

No Capítulo de abertura, Cristine Sandra Hwang se ocupa de subsídios da psicanálise para o atendimento infantil. Retoma as contribuições iniciais que levaram à construção desta possibilidade de intervenção, desde Freud, Anna Freud, Klein e Winnicott até ponderações feitas por Dolto, representante da Es-

* Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicoterapeuta da prática privada. Jataí, Goiás, Brasil. E-mail: fabiolarsanteiro@hotmail.com.

** Curso de Psicologia/Universidade Federal de Goiás, Campus de Jataí. Jataí, Goiás, Brasil. E-mail: talessanteiro@hotmail.com.

cola Francesa. Ilumina o texto com exemplo clínico e com observações de extrema relevância para o aprendiz: a necessidade de que o terapeuta infantil discrimine os desejos que são oriundos dos pais daqueles genuínos do filho: algo simples de ser dito, mas que demanda experiência e sofisticação no uso das observações e na condução dos processos ludoterapêuticos.

De modo contrastante com a teoria e a técnica apresentadas por Hwuang, no Capítulo 2 a terapia analítico-comportamental infantil é apresentada por Giovana Del Prette e Ana Beatriz D. Chamati com o caso clínico da criança que apresentava comportamentos agressivos e inadaptados. A análise se respalda no modelo tríplice de contingência e considera aspectos como modelação e a necessidade de intervenção que extrapole a queixa em direção ao aumento da resiliência, da adaptação e da prevenção de problemas futuros. As autoras ressaltam as habilidades específicas esperadas de um ludoterapeuta, que diferem daquelas esperadas de um terapeuta de adultos: ele precisa se assenhorear de conhecimentos filogenéticos, ontogenéticos e culturais próprios da infância, além de apresentar disponibilidade para o que decorre de atividades lúdicas.

No terceiro capítulo, Berenice Carpigiani e Sandra Lopes retomam a discussão de processos psicoterapêuticos psicanalíticos, individuais e grupais, enfocados no atendimento ao adolescente. Apoiadas em autores como Aberastury, Knobel, Winnicott, Pichon-Rivièr e Osório, retomam conceitos importantes e os esclarecem através de vinhetas clínicas e resenhas bibliográficas inspiradoras e poéticas, que preservam o caráter sério envolto no trabalho com jovens. Um vulcão, não necessariamente em erupção, é imagem que desponta na mente do leitor, quando relembra tópicos próprios do adolescer como busca de identidade, papel do grupo, sexualidade, elaboração de lutos e de inúmeras ambivalências diante da vida adulta que desponta.

No Capítulo 4, Patricia Gipsztejn Jacobsohn relembra conceitos psicanalíticos fundamentais que tocam em aspectos que seguem desde a técnica de interpretação dos sonhos até aqueles da técnica decorrente das complexas teorizações freudianas com o objetivo de fundamentar a prática psicanalítica com adultos. O estudante que estiver em práticas de estágios, ou mesmo aquele que perfaz seu processo de terapia pessoal, talvez apresente menos dificuldades diante da quantidade de informações e abstrações teóricas propostas quando em comparação ao colega de períodos anteriores.

Nesse sentido, o Capítulo 5, de Luiz Roberto Geron intitulado “A sessão na perspectiva da psicanálise lacaniana”, avança em desdobramentos teóricos amparados no raciocínio freudiano, contempla brevemente autores franceses e parte de relatos pessoais e de resenha clínica de caso atendido pelo autor. Desse modo, até aqui os quatro capítulos que se propõem discussões de enquadre teórico psicanalítico se colocam ao leitor de modo complementar.

No Capítulo 6, Paulo Afranio Sant'Anna discorre sobre “A construção da prática clínica em Psicologia Analítica” e fundamenta sua exposição nas três grandes vertentes desta Escola: a clássica, a desenvolvimentista e a arquetípica, além de apresentar vinhetas de um caso. Apesar da prática clínica apresentada não seguir um padrão técnico específico, o autor discute algumas condições necessárias para o terapeuta produzir transformações na vida psíquica de seus pacientes. Por exemplo, ele precisa considerar a neurose e a psicose como duas categorias clínicas distintas e deve ponderar sobre se os conflitos do paciente estão mais relacionados ao processo adaptativo ou ao de individuação. Trata-se de uma contribuição que aclara a necessidade de “o terapeuta ter uma atitude e uma teoria”, discutida por Gambini (2011, p. 65).

No Capítulo 7, Nicolau K. Pergher retoma questões envolvidas pelo contrato em terapia analítico-comportamental, complementando considerações dessa vertente teórica iniciadas no Capítulo 2, as quais favorecem a compreensão de processos terapêuticos focados em adultos, sem negligenciar outros públicos. Alguns dos temas versados são: momento de pagamento e valor de sessões, duração e periodicidade de atendimentos e delimitação de papéis de terapeuta e cliente. A leitura propiciará reflexões e aprendizados fundamentais à prática clínica, mesmo que não alinhada à concepção teórica do autor.

Karina O. Fukumitsu discute, de um ponto de vista reflexivo e ilustrado com ilustrações clínicas e autorrevelações, processos de apropriação do Gestalt-terapeuta (Capítulo 8). Estabelece diálogos com autores como Pearls, Buber, Hcyner e Feijoo, focados em relação dialógica, historicidade e singularidade, escolhas e angústias subjacentes ao processo de busca de ajuda pelo paciente e ao de construção da identidade do próprio terapeuta como facetas indissociáveis de um encontro autêntico passível de ocorrer numa psicoterapia.

O Capítulo 9, de autoria de Maria Leonor Espinosa Enéas, é focado na psicoterapia breve (PBP) de adultos. Ele considera aspectos históricos e técnicos relevantes para os psicoterapeutas, em especial aqueles interessados em flexibilizações na teoria e na técnica de orientação psicanalítica com vistas à ampliação dessa estratégia a pacientes que, no geral, buscam auxílio profissional em instituições. O texto indica caminhos firmes para o leitor entender que, numa PBP, focalizar uma área de trabalho, delimitar objetivos e planejar o processo, considerando, ainda, o fator temporal e a refinada avaliação psicológica que embasa essas atitudes, exige cuidados éticos e manejo técnico próprio. Resenhas clínicas de casos são facilitadores que se destacam, otimizando a qualidade geral da produção.

Nos Capítulos 10 e 11 seguem-se discussões teórico-práticas embasadas no Psicodrama. No primeiro deles, Altivir João Volpe explica o método psicodramático, que visa promover o resgate da espontaneidade e da criatividade e intervir nas relações interpessoais surgidas no âmbito terapêutico. Há aproximações

de concepções teóricas e técnicas entre este texto e o de Fukumitsu (Capítulo 8); contudo, Volpe incorpora à atitude clínica técnicas de inversão de papéis, de montagem de cena e ação psicodramática, dentre outras, em complemento ao diálogo verbal proposto por aquela autora. No Capítulo 11, por sua vez, Sonia Rusche e Robson Jesus Rusche relatam experiências obtidas no trabalho de psicoterapia de grupo tematizada e de tempo limitado no tratamento de mulheres com transtornos da sexualidade. Em ambas as produções há oportunidades de verificar com detalhes como um psicodramatista atua.

No Capítulo final, o 12º, Marcia Portella, Milena Cortez e Plinio Carpigiani esclarecem “os primeiros passos de um psicoterapeuta” no trânsito existente entre o final da faculdade e o caminhar autônomo, próprio dos consultórios particulares. Ao fazê-lo constroem reflexões menos idealizadas sobre o que é ser psicoterapeuta e ainda ilustram um exercício possível de escrita, que confere ganhos rumo à construção da identidade profissional e de uma atitude clínica mais integrada.

Como observado na Apresentação, “a escuta clínica [...], esteja ela integrada a políticas institucionais públicas ou privadas – é uma realidade importante que deve ser fortalecida e revitalizada” (Carpigiani, 2011, p. 9). Ela deve aliar-se à necessidade de utilização de conhecimentos psicológicos para alívio de situações de dor e risco e extravasar o ambiente dos consultórios. Nesse espírito, no conjunto dos capítulos as diversidades teóricas e epistemológicas apresentadas por seus respectivos autores são ressaltadas em suas especificidades, convergências e divergências e podem inspirar intervenções clínicas nos mais diversos espaços.

Como reza o jargão acadêmico, uma boa contribuição é, também, aquela que pode apontar novas direções e não necessariamente aquela que “fecha” caminhos ou que demonstra os já trilhados. Nesses termos, depois de finalizada a leitura do livro inúmeras possibilidades permanecem disponíveis ao leitor para ele problematizar e planejar pesquisas que deem conta da complexa realidade apresentada pelos autores.

Referências

- Bastos, A. V. B. & Gondim, S. M. G. (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Gambini, R. (2011). *A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Recebido em 03 de setembro de 2012
Aceito para publicação em 17 de outubro de 2012